

## **REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”**

*Ubiratan N. de Alencar Jr.<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O papel da televisão na produção de significação e sentidos vem sendo evidenciado na obra de vários pesquisadores tradicionais, bem como de estudiosos contemporâneos, debruçados sobre a complexidade dos processos comunicativos midiáticos. Este estudo se propõe a desvendar os meandros do universo televisual, na especificidade do Programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo de Televisão, em suas produções voltadas à realidade vivida pelo nordestino dentro e fora de seu espaço natural. Sem perder de vista o objeto de pesquisa, busca-se o aprofundamento acerca das questões ligadas à análise do discurso e, assim, perceber como um programa que nasce em um centro considerado como produtor de uma comunicação de massa, hegemônico, o Sudeste, reproduz sentidos ligados à realidade das cidades e da população nordestina. Dessa forma, ao centralizarmos nossa preocupação sobre a construção do sentido por um dos meios privados de televisão, trazemos à discussão uma questão atual e presente no círculo das preocupações teóricas contemporâneas, ao mesmo tempo em que resgata a histórica invenção desse espaço cultural brasileiro chamado Nordeste.

### **Palavras-chave:**

Profissão Repórter; Nordeste; Sentido

### **Abstact**

Investigates the complexity of media communication processes and the production of meaning through television, from news program 'Profession Reporter', with the proposal to allow draw a picture, by which it appears as editions represent the themes linked to northeastern reality. Without losing sight of the object of research, we seek to deepen on issues surrounding the analysis of discourse and thus see how a program that was born in a center as a producer of mass communication, the Southeast, reproduces meanings attached to reality of this part of the population. The proposal is to narrow the debate between the university and the practices of television market with a serious and free debate on the contemporary theories such as Santos (2010), which brings the concepts of epistemology South, incumbent on all knowledge areas as well as on the representations and meanings embedded in this cultural space called Brazilian Northeast.

### **Keywords:**

Profession Reporter; Northeast; Sense.

---

<sup>1</sup> Jornalista e Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

## 1- INTRODUÇÃO

Este Artigo aborda as práticas discursivas e midiáticas a partir do programa jornalístico ‘Profissão Repórter’, com a proposta de traçar um panorama, através do qual se verifique como as edições representam os temas ligados ao Nordeste brasileiro, ou ao que se convencionou definir como “nordeste”. Sem perder de vista o objeto de pesquisa, busca-se o aprofundamento acerca das questões ligadas à análise do discurso e, assim, perceber como um programa que nasce em um centro considerado como produtor de uma comunicação de massa, o Sudeste, reproduz significados ligados à realidade das cidades e da população nordestina.

A proposta é estreitar o debate entre a universidade e as práticas de mercado televisivas, com uma reflexão sobre a contemporaneidade de teorias como a de Santos (2010), em torno da crise que estaria sobre os paradigmas científicos atuais e sobre as mudanças em processamento, que recaem sobre todas as áreas do conhecimento.

O alvo desta análise, o “Profissão Repórter”, surgiu há oito anos, na Rede Globo de Televisão, e que tem a frente o jornalista Caco Barcellos, desde seu início. A produção reformulou alguns significados para a execução das reportagens que, ao contrário do que exigem alguns tecnicistas do jornalismo, deixaram de lado critérios dogmáticos e míticos como a “imparcialidade” e o suposto distanciamento do repórter do seu entrevistado. O programa se caracterizou em mergulhar em diversos temas do cotidiano do país e até de outros países, buscando, em um formato diferenciado, retratar o riso, a lágrima, o sofrimento, a conquista, através de uma ampla interação do repórter com seus personagens e contextos.

Um desses exemplos vem de uma edição, exibida no dia 21 de maio de 2013, através da qual se observa o envolvimento dos repórteres com o drama vivido pelos nordestinos, naquela que foi considerada a maior seca dos últimos 50 anos. Na reportagem, o próprio apresentador, oriundo de outros programas da emissora, a qual mantém um padrão convencional, conforme Bittencourt (1991), de matérias na maior parte das produções diárias, demonstra o objetivo do “Profissão Repórter”: vivenciar, se emocionar, quanto repórter, e retratar, com o máximo possível de exatidão, a realidade nua e crua das “donas marias” e “seus josés”, moradores de quatro estados do Brasil, castigados pela falta crônica de água. A proposta deste estudo foi a de compreender a

narrativa do Profissão Repórter, em caráter geral, mas, especificamente, no que se refere a que é utilizada em produções relacionadas à Região Nordeste e aprofundar em que medida esse modelo de repórter – não apenas observador dos fatos ao seu redor, mas participante direto – é essencial para a construção e o estabelecimento das metas do programa e das representações voltadas a regiões brasileiras mais estigmatizadas. Rótulos que independem desta pesquisa em si, mas que se retratam na realidade de um país marcado por contradições históricas, sociais e econômicas.

Tal proposta recai sobre a emergência que o fator “personagem” tem ganhado no jornalismo. Emergência mais relacionada à prática de debruçar-se sobre indivíduos ou casos específicos, que fornecem elementos concretos para expandir uma dada realidade e suas problematizações. Um contexto histórico-social que pode ser observado como uma prática que tem se aprofundado, não apenas em áreas já praticadas como a História, as Ciências Sociais, mas, especialmente, no Jornalismo. Schmidt (1997), por exemplo, observa tal emergência ou, a urgência biográfica, entre historiadores e jornalistas a partir de características do contexto social, das trajetórias individuais, buscadas como inspiração a fim de trazer destaque para pessoas comuns. Emergência que resulta na identificação do leitor ou telespectador, no momento em que se comentam problemas privados, que são evados de várias semelhanças entre os receptores/leitores ou audiovisuais. Para Schmidt (1997, p. 3)

É importante salientar a aproximação da história com a antropologia, na qual o resgate das histórias de vida já é uma praxe, e com a literatura, preocupada com as técnicas narrativas de construção dos personagens. Já “a emergência das biografias no âmbito do jornalismo (...) relaciona-se com o impacto do movimento chamado “new journalism”.

O autor ainda defende que há uma intenção de resgatar o papel do indivíduo, do gênero biográfico, da força dos laços sociais, que se opõe aos enfoques estruturalistas, convencionais que são, para ele, “descarnados de ‘humanidade’”. “Uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico na atualidade é recuperar a tensão, e não a oposição, entre o individual e o social” (SCHIMIDT, 1997, p. 12).

O “Profissão Repórter” parece também seguir o que diz Abreu (2009), no que se refere às estratégias de aplicar recursos da ficção, sem desprezar o apego aos fatos,

reforçados pela costura do texto cena a cena, pelo uso dos diálogos reais, como elementos de dramaticidade, além da descrição, detalhes (características da residência pobre, das roupas, dos brinquedos improvisados), bem como pela escolha de um ângulo para descrever a cena, com o uso de duas câmeras ou mais e narrativas de off's mais curtos, casados com o imediatismo das situações, o realismo das cenas, a emoção, o diálogo e o foco em terceira pessoa, que são interligados em outras regiões do país e que, desta forma, são capazes de ampliar a sensação de identificação causada no telespectador. Este estudo, considerando estes elementos, tem a meta de analisar como o discurso encontrado no programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo de Televisão, contribui para a produção de sentidos em torno do Nordeste brasileiro, no contexto atual de uma crise nos paradigmas científicos, sugerida por Santos (2010).

Neste ponto, se faz necessário verificar se é mantida uma Hegemonia dos sentidos, reforçada pela produtora de uma cultura de massa, a Rede Globo. Para tanto, pretende-se verificar não apenas o corpo textual, no seu significante; mas a exterioridade que envolve a narrativa dos episódios. Conceito esse que reportaremos mais adiante. Em um primeiro momento, nos concentramos no histórico do programa, no seu surgimento até o momento atual. Em um segundo momento, recorreremos a uma análise de três reportagens que compõem o corpus de nossa pesquisa foi definida, verificando os elementos do discurso ali presentes, desde a apresentação do tema, passando pelas entrevistas, chegando à conclusão do assunto que é abordado.

Faz-se necessário verificar a produção de sentidos por meio do envolvimento e quebra de distanciamento expostos em expressões e em perguntas feitas pelo apresentador ao então prefeito da cidade de Betânia (Piauí), João Evangelista da Rocha, onde, nos questionamentos, feitos em 21 de maio de 2013, foram usadas afirmações como “achei cruel”, referindo-se ao fato de uma escola pública oferecer água contaminada aos estudantes, enquanto professores e funcionários utilizavam água mineral. A então “parcialidade”, praticada num viés construtivo e encaixada no objetivo do programa, foi um dos critérios para a escolha desta edição para compor a análise crítica de como o programa desenvolve os temas ligados ao Nordeste brasileiro.

A edição do dia 10 de julho de 2011 também foi incluída no corpus desta pesquisa, por ter relação com temas envoltos na periferia e zonas rurais de cidades nordestinas e, especificamente, do Rio Grande do Norte, como Areia Branca. No município potiguar,

foi verificado a produção de castanhas, na qual trabalham filhos e netos dos cultivadores.

O trabalho infantil também foi destacado no estado de Alagoas, onde crianças trabalham na pesca de mariscos. O limite entre o que, de fato, seria a atividade ilegal, e a simples ajuda doméstica aos pais; bem como a força desta prática no Nordeste foram alguns dos elementos traçados no programa. A edição do dia 11 de maio de 2009 também foi inserida nas análises por retratar a vida de pessoas que trabalham duro a noite, enquanto outros se divertem, como a de artistas nordestinos, tendo um dos personagens ‘Zezo, o Príncipe dos Teclados’, bem presente não apenas nas cidades do interior do Rio Grande do Norte, mas na própria capital potiguar. Além do fato das edições estarem ligadas ao Nordeste brasileiro, outro motivo para a escolha das três edições – sem prejuízo da comparação com outras – está no fato de uma delas ser a última do período em que era um quadro no Programa “Fantástico” - a que explora o trabalho de artistas populares nas noites das periferias, e as restantes da fase em que passou a integrar a grade exclusiva da Rede.

Como parte integrante da estratégia metodológica, foi feita a opção pela Análise do Discurso, a qual permite observar que o poder do Discurso presente no Programa vai além das palavras ou expressões que são utilizadas, mas conduz a um conjunto complexo, formado por imagens, cortes, edições e também a linguagem textual. O que se inclui no conceito de “Exterioridade”. Segundo Brandão, há uma expansão da noção de autoria ao especificar o elemento ‘exterioridade’ como necessária para qualquer discurso, a fim de colocá-la na origem da textualidade. Para a autora, “[...] a unidade construída a partir da heterogeneidade discursiva através do princípio de autoria se faz por uma função enunciativa” (BRANDÃO, 1986, p.67).

No conceito de exterioridade, o sujeito falante teria as seguintes funções: locutor: aquele que se representa como “eu” no discurso; enunciador: é a perspectiva que esse ‘eu’ constrói e autor, que é a função social que esse ‘eu’ assume enquanto produtor da linguagem. O autor é, dentre as dimensões enunciativas do sujeito, o que está mais determinado pela exterioridade (contexto sócio histórico) e mais afetado pelas exigências de coerência, não-contradição e responsabilidade. (BRANDÃO, 1986, p.68).

Não se intencionou, é preciso reforçar, a realização de apenas mais um estudo sobre o “Profissão Repórter”, programa que já rendeu teses, dissertações premiadas e

publicações com pesquisadores de renome. A proposta é a de analisar, por meio do corpus e dos recursos da AD, se, de fato, existe alguma diferença entre as representações do nordeste e das demais regiões, a partir de um veículo produtor de cultura de massa. Haveria, no “Profissão”, alguma produção espontânea de uma epistemologia, a qual fosse capaz de ir de encontro a saberes já formulados sobre o Nordeste brasileiro e sua população? Este foi o mote para este estudo e que se tornou, da pesquisa, a meta principal.

O programa, objeto deste artigo, foi iniciado em maio de 2006 como um quadro do Fantástico, teve três edições especiais nas noites de quinta-feira em 2007, nos dias 30 de agosto de 2007, 18 de outubro de 2007 e 13 de dezembro de 2007. A proposta do quadro de então era permitir o exercício do jornalismo investigativo para uma equipe de oito jovens jornalistas e, assim, apresentar, ao mesmo tempo, o que ficou definido na atração como “os bastidores da notícia” e os “Desafios da Reportagem”, termos cunhados pelo jornalista Caco Barcellos, já acostumado com tais práticas.

### 1.1- PROBLEMATIZAÇÕES

Investigou-se como um eixo produtor da indústria de massa, localizado na Região Sudeste, a Rede Globo de Televisão, representa o Nordeste nas produções do programa “Profissão Repórter”. Pareceu-nos apropriado recorrer a uma análise de discurso de três edições, sem prejuízo da observação detalhada de outras reportagens sobre temas recorrentes e realidades, a fim de verificar como um centro hegemônico de comunicação de massa produz e reproduz significados, reafirmando ou desconstruindo, temas voltados ao povo nordestino, em suas próprias comunidades e sua noção específica de espaço e lar (BACHELARD, 1979); bem como em edições que retratam a saída deste nordestino para outras culturas, na busca de vencer as dificuldades de sua terra natal. Para a análise de como a cultura e a realidade nordestina são retratadas no programa se fez necessário recorrer, principalmente, a autores como Boaventura Sousa Santos, para quem (SANTOS, 2010) há duas formas de epistemologia do conhecimento, uma dominante e hegemônica, onde a Rede Globo e o eixo Sudeste se encaixariam como signos em nosso trabalho, ao ser tratada como um vetor dominante na produção de conhecimento na esfera midiática e que atinge a formação de sentidos; e a outra que descreve esse processo de uma forma mais plural, que provém de culturas e de classes

dominadas e contra hegemônicas. Ao primeiro tipo, o autor chama de “Epistemologia do Norte” e, ao segundo, de Epistemologia do Sul.

Para o melhor entendimento deste conceito foi preciso perceber que as denominações de Norte e Sul provêm da influência da Europa Ocidental (Norte) sobre as ex-colônias (Sul). Entretanto, Santos (2010) também afirma que esta divisão não é apenas geográfica, uma vez que o Norte geográfico possui a sua parcela de “terceiro mundo”, representada por imigrantes, ciganos, classes sociais com menor poder aquisitivo, e o Sul global também possui seus nichos de “Europa”, com minorias elitistas capitalistas que dominam as formas de produção cultural. O pensamento é importante já que, se existe uma injustiça social nas regiões nordestinas, ela não será desfeita, segundo o autor, sem uma mudança que é intrínseca a padrões mais internos, que são os padrões cognitivos, os quais automaticamente geram modelos de representações ou significados. Para o autor, não há justiça social global – em qualquer país – sem uma justiça cognitiva global. A maneira como são os modos dominantes de saber e conhecer atuais, nos cegaria para realidades diferentes e impediria o pensamento de que é possível mudar um estigma/realidade.

Santos defende que existem várias formas de sair do conformismo com o qual se vê uma dada realidade, cenário ou conceito. Uma destas alternativas vem da construção de uma nova epistemologia, decorrente, especificamente, das experiências daqueles que sofrem e sofreram ao longo dos séculos as injustiças do colonialismo e do capitalismo, nas quais podem estar incluídas as populações nordestinas e os saberes desenvolvidos em torno delas, já que tal 'dominação' econômico/geográfica não é, necessariamente, geográfica. Mas, se relaciona as maneiras como se constroem os saberes e, conseqüentemente, as percepções em torno da ciência, do chamado 'senso comum' ou em torno de qualquer representação existente.

Nosso problema consistiu em perceber como as representações destes dois pólos – um no eixo Sul-sudeste e outro no Nordeste – estão inseridas na forma de se projetar o Nordeste na tela do “Profissão Repórter”. Haveria, no programa, uma 'epistemologia' dominante de reprodução de conhecimentos acerca desta parcela populacional? Ou a Região também seria capaz de subverter esse aspecto dominante de repasse de saberes, produzidos em uma Rede de televisão que pode se enquadrar como uma representante



da Epistemologia do Norte? São indagações que motivaram, inicialmente, o decurso desta pesquisa.

## 2 - A PERSONAGEM COMO REFERENCIAL: O FATOR EMERGÊNCIA

O Profissão Repórter parece recorrer à singularidade de um personagem para, daí, estabelecer discursos e promover reflexões inseridas em um contexto histórico social mais amplo. É o uso da micro-história para se chegar a uma realidade ou algo próximo disto, em um ângulo mais macro. Busca-se, por meio deste 'sujeito', isoladamente, o mote para a construção das reportagens temáticas, que procuram responder, essencialmente, a perguntas básicas: “Como” aquela dada situação é vivenciada e “Por quem”. A vivência singular do personagem é que parece direcionar o tema abordado, que, em geral, refere-se a algo emergente que, na linguagem das redações, é chamado de 'factual'.

Um exemplo disso, veio de uma edição sobre o uso epidêmico do 'crack' nas ruas de São Paulo, quando toda a reportagem foi feita a partir da coleta de informações e das ações obtidas pela experiência dos próprios usuários da droga. Poucos que representaram muitos. O Programa apresenta, assim, indícios e semelhanças com o contexto social e cultural abordado e, ao mesmo tempo, deixa traços e pistas da tecnologia audiovisual utilizada, a televisão, a qual funciona como uma definidora e orientadora daquilo que se pretende contextualizar. É como diz Rezende: a TV possui “o código icônico como base de sua linguagem” (2000, p. 43) e, por isso, além dos off's entrecortados, além dos diálogos improvisados, dos ruídos, dos sons ambiente, é possível observar, com muita frequência, 'takes' – às vezes com duas câmeras – que privilegiam a imagem, o visual, como elemento selecionador do assunto em emergência. Um elemento que predomina também em outros formatos de telejornal ou programas de entrevistas, mas que possui um diferencial no 'Profissão Repórter'. Torna-se, desta forma, até possível afirmar que em programas como o 'Profissão Repórter', objeto deste estudo, não haveria abordagem sem a presença do elemento clássico do 'Lead': o “Quem”. É esse item que se sobressai, numa simples observação, em cada edição. O 'Como' algo acontece também ganha destaque, seguido de “Onde” e o elemento tempo, presente na pergunta “Quando algo acontece”, ganha a periodicidade comum de todo e qualquer programa de reportagem.



Existem fatos cuja importância é mesmo 'atemporal', não havendo, assim, uma informação que necessite estar vinculada ao 'diário', ao factual. As ações são, por assim dizer, traduzidas para um fenômeno de “presentificação”, mesmo que tenha ocorrido há poucos dias, semanas, ou até décadas. No entanto, é no “Quem”, no Personagem e sua singularidade, que se apoia a construção e a reconstrução das narrativas do Programa pesquisado. Há, assim, a produção de uma relação 'personagem-telespectador' que visa à identificação deste último com os fatos narrados: identificação produzida por meio do relato de fatos semelhantes, que podem ter sido uma experiência pessoal de quem assiste.

Nesses casos, não está mais em questão a verdade da história, isto é, a aderência entre o enunciado e o acontecimento, pois a credibilidade do que relatam é derivada da aparente verdade da enunciação encenada diante das câmeras e que diz respeito à sua cota de realidade na relação que é estabelecida entre os agentes televisivos (corpos enunciadore) e os telespectadores (LEAL, VALLE, 2008, p. 11).

Contudo, há uma característica que se ressalta no 'Profissão Repórter', que é, justamente, a possibilidade do entrevistado assumir o comando do que está sendo mostrado nas imagens. O repórter cede, em certos aspectos, seu lugar a um elemento que, em grande parte das cenas, é mesmo o condutor do tema: a centralidade do personagem. A partir dele é que outras questões são direcionadas e, no 'Profissão Repórter', o contrário não é verdadeiro. No programa, essa ordem altera o produto. No programa, é possível observar, no desenrolar da reportagem, a cena descrita abaixo, que pertence ao filme de Michelangelo Antonioni, de 1975

- Há resposta satisfatórias para todas as suas perguntas. Mas não entende como pode aprender pouco com elas. Suas perguntas revelam mais sobre você do que minhas respostas sobre mim.
- Eu as fiz com sinceridade.
- Sr. Locke, podemos conversar se não for apenas sobre o que você acha ser sincero, mas também sobre o que eu acredito ser honesto. (O Passageiro – Profissão Repórter, 1975)

A cena descreve o diálogo entre um líder rebelde africano e um jornalista e termina com o entrevistado virando a câmera para o entrevistador e dizendo: “Agora você pode fazer a entrevista. Você pode fazer as mesmas perguntas de antes”. Tal trecho da ficção ilustra também a filosofia e o pensamento de Martin Buber (2009), o qual

parte do pressuposto de que para uma entrevista surgir de forma genuína, se faz necessário que cada um veja ao outro como “este homem, como precisamente este homem é” (BUBER, 2009, p. 146).

Embora no programa da Rede Globo, de mesmo nome da película, o entrevistado assuma um suposto protagonismo, para Buber, esse protagonismo troca de lado, sem necessariamente ser percebido com clareza, no decorrer do jogo entre perguntas e respostas, ambas reveladoras sobre alguém e suas realidades. Para ele, essa troca e consequente compreensão do que se quer mostrar só acontece na sua relação com o outro (Eu-Tu), dentro do que ele define como “inter-humano”. Não existiria mais um “EU” concluído, mas um “EU” que se expande e se constrói na sua relação com o “TU”, quando ele se compromete com o “TU”, numa interação dialógica, com “sinceridades” e “honestidades”, que permitem que o “TU” se torne mais que um “objeto” de pesquisa, mas se torne o “SER”.

O conceito de Buber ainda defende que cada um se volte ao outro sem a imposição de verdades e idéias. Elemento que pode ser observado, em parte, no programa televisivo. Em parte, pois, de fato, há um retorno da câmera para o entrevistador, que também expressa os bastidores técnicos e emocionais de sua atividade e de sua entrevista; mas, por outra parte, não deixa de ser um sujeito que carrega seus próprios discursos, advindos de outras realidades econômicas e sociais. De que forma há essa tênue divisão é em que nos auxiliou neste trajeto as teorias de Boaventura Sousa Santos. Em que limite essas epistemologias se cruzam em Profissão Repórter, da Rede Globo, é que foi meta das análises no corpus desta pesquisa.

O filme de Antonioni parece corroborar com estas questões, já que o mover da câmera, no trecho citado do filme, parece querer conduzir o personagem do jornalista para a percepção de que a entrevista não deve ter um caráter inquisidor, já definidor de uma realidade. O jornalista, no filme, precisava não se preocupar somente em enquadrar suas perguntas em ideais próprios de honestidade, mas, fundamentalmente, focar no que seria “honesto” na realidade de seu entrevistado. Prática essa que implica num “modus operandi” que requer uma escuta verdadeira, sem amarras, de respeito ao que é dito, mesmo que existam discordâncias. O contrário disso gera apenas o registro técnico de voz, imagem e trilhas sonoras. Buber fez surgir questões fundamentais no decorrer desta pesquisa, no momento em que força o surgimento de indagações como: Profissão

Repórter, o programa, se preocupa com o “Eu-Tu”, ou com o “Eu-Isso”, com o “Eu-Objeto”? Se faz necessário, para o descobrimento dos saberes (SANTOS, 2010), perceber a metáfora do reposicionamento da câmera na película italiana. É como se a câmera pudesse demonstrar, ao ser reposicionada, que o entrevistador também faz parte daquele processo, sem isenção e que a entrega, neste processo, de descobrimento de saberes e “realidades”, a entrega e o protagonismo devem ser mútuos.

### 3- UMA CRISE NOS SABERES E ANTIGAS REPRESENTAÇÕES

O momento epistemológico atual é, no dizer do pesquisador português, Boaventura de Sousa Santos, caracterizado por um processo de transformação nos paradigmas científicos. Conceitos que estão envoltos em uma crise, conforme ele mesmo define, irreversível (SANTOS, 2004). O paradigma clássico, os saberes atuais, teria, no dizer do autor, sofrido a interferência de alguns elementos que iriam desde o surgimento da teoria da relatividade de Einstein e da Mecânica Quântica, em contraposição ao determinismo mecanicista das teorias anteriores, oriundas do pensamento Newtoniano; passando ainda pelos questionamentos em direção ao rigor matemático, até sofrer a interferência do desenvolvimento tecnológico da biologia, microfísica e da química, o que favoreceu, também, uma transdisciplinaridade de disciplinas e saberes. Para ele, o fator 'disciplinas', as compartimentalizações de um dado assunto não absorvem a complexidade dos vários saberes e das produções de conhecimento que são geradas a cada momento, por cada indivíduo

são fortes os sinais de que o modelo de racionalidade científica que acabo de descrever em alguns dos seus traços principais atravessa uma profunda crise [...] essa crise não é só profunda como irreversível; segundo, que estamos a viver um período de revolução científica que começou com Einstein e a Mecânica Quântica e não se sabe ainda quando acabará (Santos, 2004, p.23)

Uma transformação que, no dizer de Santos, atinge vários campos de conhecimento e que permeia – assim como predominou no paradigma clássico, herdado do século XVI – toda uma sociedade. Acreditamos, desta forma, que a “revolução” sugerida por Santos não se restringe ao saber acadêmico e as produções da Ciência. Mas, atingiria e modificaria – ora mais evidente, ora mais subjetivo – todas as formas de

produção de sentido na atualidade, incluindo os paradigmas que foram sacramentados e estabelecidos ao longo dos anos pela própria Mídia.

Transformações que, por sua vez, estão também na moda, na Arte como um todo e no próprio, como é chamado pela Ciência, ‘senso comum’. Este estudo, em seu início, fundamenta tal pensamento no que o próprio autor defende como um modelo que surge nesta crise de paradigmas e no surgimento – ainda em construção – de um novo espírito epistemológico. O modelo, denominado de “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente” se daria em quatro condições, que alimentaria a Ciência que está em vias de florescimento, são elas: a de que todo conhecimento científico natural é científico-social; de que todo conhecimento local é total; todo conhecimento é autoconhecimento e, por último, a condição de que todo conhecimento científico visa a se constituir em senso comum.

Em uma entrevista, concedida à revista *Globalisation, Societies and Education*, Boaventura de Sousa Santos reconhece que, em especial nos países do hemisfério norte, as ciências sociais têm deixado de ser uma fonte de novas ideias criativas sobre a sociedade; e que as teorias sociais e metodologias convencionais são cada vez mais inadequadas para captar a inesgotável variedade das decisões do mundo (DALEA; ROBERTSON, 2004, p. 160). Dessa maneira, o ciclo de hegemonia de uma ordem científica (dominante), bem como de epistemologias dominantes, depararia-se com seu fim, já que não se saberia mais responder às perguntas acerca do papel do conhecimento científico acumulado ao longo de séculos; ou seja, se a ciência contribuiu para o enriquecimento ou para o empobrecimento prático da vida cotidiana. O paradigma dominante, baseado na racionalidade, permeou o surgimento e desenvolvimento de toda a ciência moderna, cuja gênese remonta à revolução científica do século XVI, a partir do momento em que o conhecimento racional, dito científico, rompeu com o conhecimento irracional, dito senso comum.

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metódicas. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem (SANTOS, 2006, p. 21).

É justamente, neste ponto, que se debruça, em especial, este estudo, que busca verificar até que ponto esta mudança nos chamados paradigmas emergentes, produtores de visões sobre vários conceitos, incluem novas definições étnicas, geográficas e as representações que as envolvem. Mudanças que se refletem no posicionamento da produção de sentido – que visa se constituir como 'senso comum' (SANTOS, 2004) e que atinge a mídia – a Rede Globo – localizada em um eixo produtor de representações a partir de um pensamento industrial que é produtor de cultura de massa.

Complexidade que dificulta a exatidão de um outro conceito, mais relacionado à expressão “representações sociais” - na qual o Nordeste e o nordestino estariam inseridos e se tornaram uma representação no “Profissão Repórter”. Uma dificuldade que se justifica no fato de que o próprio conceito de “representações” é discutido em amplitude acadêmica, já que engloba um conjunto de elementos afetivos, econômicos e sociais. Uma dessas definições diz que “Representação” possui um conceito cercado de fluidez, devido aos seus vários enunciados, com metodologias ainda superficiais (ARRUDA, 2002, p. 12).

No entanto, essa fluidez fornece saberes que geram epistemologias acerca de algumas representações, geram esquemas, uma lente pela qual determinada “realidade”, indivíduo, suas atividades e comportamentos são vistos pela sociedade e pelo telespectador de “Profissão Repórter”. Uma visão coletiva sobre o outro, que é reforçada pelo poder midiático e discursivo e que estabelece um saber definitivo, no caso desta pesquisa, acerca do espaço 'Nordeste'. É, justamente, através dessas “representações” que se processa o fenômeno da “identificação”, no qual ocorre quando cada indivíduo identifica suas próprias crenças a respeito do mundo e, por consequência, adota tais representações como a verdade sobre alguém, uma região, uma raça, dentre outros campos sociais.

O programa contribui para a construção de um “real”, pela própria maneira como é enxergada a profissão de “Jornalista”, visto como uma espécie de revelador, investigador e portador da própria verdade, que molda uma representação em torno de si e da “realidade” a qual aborda. Seria o representante do chamado “Quarto Poder”, que desvendaria e denunciaria os “bastidores” de um tema e, ao fazer isso, reforça ou desfaz um saber ou uma “vontade de saber”, conforme Foucault (1988).

Uma vontade de verdade reforçada pelo próprio papel desempenhado pelo jornalista de “Profissão Repórter”

A presença do repórter no palco do acontecimento é explorada como uma estratégia de autenticidade e como um símbolo da capacidade de cobertura da equipe jornalística, afirmando, de um lado, que o jornalista pode falhar, se equivocar, colocar sua subjetividade na notícia, mas mesmo assim, ele tenta mostrar, tenta encontrar os caminhos para contar o fato. (KLEIN, 2013, p.11).

No entanto, o posicionamento do personagem, do entrevistado, para fins desta pesquisa, se torna tão importante quanto a funcionalidade e a representatividade do repórter. Uma importância justificada no pensamento de Santos (2010), o qual analisa que os sistemas, na sociedade, como na vida, funcionam a partir de sistemas de informação e comunicação e a comunicação afetaria, neste processo, tanto quem emite, quanto quem recebe um discurso informativo. Função na qual se inclui, conforme observado neste estudo, o “Profissão Repórter”. Este ciclo, para Santos, existe e afeta todos os sistemas, desde os cibernéticos, passando pelos biológicos, químicos, bem como, não poderia deixar de ser, nos sistemas sociais, geradores de representações sociais, nas quais o Nordeste está, por sua vez, inserido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, a despeito de suas limitações, buscou contribuir com a pesquisa na qual se propôs. Constatamos, até este momento de investigação, que não é possível afirmar que as reportagens neste corpus analisadas e produzidas pelo “Profissão Repórter” se restringiriam a mostrar a região sempre com um traço da estereotipia. Existiram nos episódios um predomínio do aspecto do sofrimento, das carências econômicas, da falta das políticas públicas. Um padrão epistemológico já bem definido sobre o Nordeste. No entanto, conforme Santos (2010), existiram personagens e cenários que ofereceram uma alternativa, uma outra epistemologia sobre o Espaço nordestino, por meio de novos padrões de pensamento e de ações, desenvolvidos, por exemplo, pela ex-marisqueira, que conseguiu realizar o sonho de ser professora.

A pesquisa busca contribuir e somar-se ao debate sobre a representação do Nordeste e do nordestino na mídia e, de antemão esse trabalho reconhece que pode ser

apenas um ponto de partida para outros trabalhos que venham ajudar a preencher a lacuna sobre abordagens dos temas que envolvem o NE na mídia, na proposta de buscar novas epistemologias de enfoque sobre a Região, já que para Santos (2010), os modelos já definidores do que vemos, nos cegaria para ver que é possível enxergar por outro foco outras realidades. Assim, se pelo menos este trabalho servir para fomentar o debate em torno dos tópicos aqui abordados, já teremos a satisfação do dever cumprido. Diante disso, propomos um outro viés que desvincule um pouco dessa formatação verificada. Neste fim, percorremos uma trajetória que nos pareceu necessária vencer e a partir dessas considerações, esperamos, ao fazermos o balanço de nosso trabalho, ter contribuído de alguma forma com nossos pares.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Allan de. **New Journalism: A Experiência literária no jornalismo**. Disponível em <<http://criticaecompanhia.com/allan.htm>>. Acesso em abril 2014.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BITTENCOURT, L. C. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- BRANDÃO, H. H. N. (1986). **Introdução à análise do discurso** (5a. ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5ª Ed. São Paulo: Edição Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do Discurso: Lugar de Enfrentamentos Teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos (Orgs). **Teorias Lingüísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia, EDUFU, 2003.
- HALL, Stuart. Codificação/decodificação. In: \_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. (org.) Liv Sovik; (tradução) Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 387-404.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- LEAL, Bruno Souza; VALLE, Flávio. **O telejornalismo: entre a paleo e a neotevê**. Contemporanea, vol. 6, nº 1. Jun.2008
- LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.
- GOMES, M. R. Sob a ótica das Ciências da Linguagem. In: SOARES, R. de L., GOMES, M. R. (Orgs). **Profissão Repórter em Diálogo**. São Paulo: Alameda, 2012.



- ORLANDI, E. P. (1999). **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes.
- ORLANDI, E. P. (1996). **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso** (4a.ed.). Campinas, SP: Pontes.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Una Epistemología del Sur**. La reinención del conocimiento y la emancipación social. México: Siglo XXI Editores, CLACSO, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as Ciências**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p.
- SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia**. Local: São Paulo: Summus, 2005.
- SCHIMIDT, Benito Bisso. **Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 19, 1997.